

“KIMUNTU” – PERSONALIDADE NA PERSPECTIVA DOS BAKONGO

Há cerca de 20 anos, no ano 2000, foi publicada pela Editora Humbi-Humbi, em Luanda (Angola), a pedido da ONG “MIAZAZA – Misericórdia dos Amigos do Alto-Zaza” – a brochura do Professor Doutor Dissengomoka Sebastião Alexandre (*em memória*), brochura intitulada “Psicologia Filosófica dos Bakongo e sua Expansão no Mundo”.

Sobrevoamos e, depois, analisamos esta brochura na procura de alguns aspectos que pensamos serem importantes, mas que, infelizmente, não conseguimos encontrá-los na exposição feita por este eminente professor; tratam-se de, entre outros aspectos, os casos de “temo”, de “kimuntu” e outros, na perspectiva do povo mukongo. Mas, como na ciência – diz várias vezes o psicólogo Carlinhos Zassala e concordamos plenamente com ele – só existe ponto e vírgula e nunca ponto final, porque ninguém sabe nem pode saber tudo, o psicólogo Dissengomoka Sebastião Alexandre ou esqueceu-se, ou parou de propósito naquele ponto e vírgula, provocando os outros para perseguirem o caminho por ele meio andado, ou por uma razão que só o senhor professor, o autor da brochura, podia, se estivesse ainda fisicamente vivo, nos explicar. Todavia, perguntámo-nos porquê é que ele intitulou-a de “Psicologia Filosófica dos Bakongo”, já que nem tudo que é da Psicologia Filosófica dos Bakongo nela se encontra.

Se sintetizarmos, o professor anunciou, nas páginas 5-6 da brochura, a essência que iria desenvolver na mesma, de uma forma resumida, isto é, sobre “o casamento, a morte, a herança espiritual e material, a lei tradicional de pertença parentesco, a educação das novas gerações, as relações de produção, distribuição e consumo do resultado do trabalho” mas que, no concreto, ele apresentou a filosofia existencialista (a psicologia popular ou das masass) dos bakongo que orienta todos os descendentes desta etnia, filosofia sobre a qual os vivos e os mortos convivem. O professor, para além do poder que vem de `Nzambi'e Mpungu e não da vontade egoísta dos indivíduos, falou da sociabilidade e solidariedade dos bakongo, falou dos três principais antepassados progenitores

destes — Nsaku, `Mpanzu e `Nzinga — e seus descendentes; o autor não se esqueceu falar do casamento, principalmente o costumeiro com os seus requisitos, da higiene sexual através de determinados ritos como a circuncisão, dos conflitos no lar, do divórcio, da doença e da morte, do lugar e da importância dos filhos, da educação — moral, cívica e produtiva — e da contribuição das ONG`s Nacionais no Norte de Angola, terminando com um exemplo concreto do Reinado do Alto-Zaza.

Preocupados com a omissão dos aspectos que acima apontamos, sintímo-nos obrigados cumprir o dever de acrescentar o nosso ponto e vírgula, tentando escrever algo sobre o “kimuntu” já que sobre o “temo” — sistema social de ajuda mútua agrícola — a nossa primeira contribuição foi publicada, em 2014, pelas Edições Swakon Editora cujo conteúdo se sintetiza de seguinte forma:

O autor, na base dos seus estudos sobre os grupos, não conseguiu encontrar escrito nem citado, em nenhum lado, o “temo”. Ele perguntou-se se este sistema social de ajuda mútua agrícola não faz parte da categoria de grupo, contrariamente ao que ele pensa. Assim, para dissipar as suas dúvidas, investigou, durante seis anos, este sistema social do homem humanizado, o “temo”. Ele mostrou que este sistema já existia antes da chegada dos ocidentais que o copiaram e o melhoraram, já que o mecanizaram mas com o homem deshumanizado, criando as cooperativas agrícolas existentes até hoje. O autor mostrou que o “temo” é, cientificamente, um grupo e faz parte de grupo pequeno, grupo informal, grupo primário, grupo temporário e grupo natural, ficando em aberto, por investigar, as suas características de grupo de pertença e de grupo de preferência. Quanto a liderança de “temo”, ela é baseada nos provérbios, tais como a liderança democrática expressa no provérbio “kimfumu kie mika mye mbwa, lekela kumosi e sikamena kumosi” (liderança de pelos de cão que se deitam juntos e se levantam também juntos), liderança nativista que é defendida pela minoria dos participantes no inquérito de “temo” fundamentando a sua posição pelo provérbio “e kimfumu tumbwa, ka gyandikwa ko” (a liderança é pré-destinada e não imposta).

No mesmo trabalho, o autor mostra as dificuldades encontradas, entre outras, a recolha das informações junto dos anciãos desconhecidos e a descodificação das expressões mais utilizadas por estes, a inacessibilidade a

determinadas áreas potencialmente ainda minadas, razão pela qual a investigação ficou reduzida nas zonas rurais.

Mas afinal, o que é o “kimuntu”?

Vejam os:

Na minha tenra idade, muitas vezes, quando pretendia comer sem primeiro lavar as mãos, a minha falecida Mãe, Leia Kimpene `Nzambi, me dizia: “sukula ntet’ e moko, kala muntu ye kimuntu”, o que quer dizer: “lava primeiro as mãos, seja pessoa com personalidade”. O meu falecido mas ainda vivo, encarnado por mim, pai João Lukoki-lo-Kakalavena, quando me via andar com parte genital por fora, porque os calções andavam rasgados, dizia-me: “e muntu kafwete swekang’ e nitu’ani. E lemba swek’e nitu ka kimuntu ko”, o que significa dizer: “a pessoa deve esconder o seu corpo (as partes íntimas do seu corpo), porque o não esconder o corpo corresponde a não ter personalidade, corresponde a não ser pessoa com personalidade”.

Na mesma ordem de idéias, um músico africano, um congolês democrático, Lokanga Lwa Djó Pené Lwambo Makiadi (Francó), criticando o comportamento dos homens mulherengos, dizia: “mobali azali mbeto ya lopitalo”, o que significa dizer que “o homem é uma cama do hospital sobre a qual um doente sai e um outro doente substitui”. Mas, Pedro Neves, profeta oriundo de Mbanz’a Kongo, diz: “ka konso muntu ko i muntu; vena ye muntu, muntu; vena ye muntu, ka muntu ko”, o que quer dizer literalmente: “não é qualquer pessoa é pessoa; há pessoa, pessoa; há pessoa, não pessoa”, o que significa que não é qualquer pessoa é que tem personalidade; há pessoa com personalidade e há pessoa sem personalidade.

Em face de todas estas formas de apresentação de “kimuntu”, fizemos o esforço de explicar, dentro das nossas possibilidades actuais, a sua essência, quais são os seus princípios fundamentais, as suas principais características positivas que o definem e os métodos gerais utilizados para o

seu descobrimento. Estes, sem nos esquecermos do actual “kimuntu” do angolano, são os aspectos que, em algumas palavras, vamos tentar de expôr sobre o “kimuntu”.

Portanto, etimologicamente, o “kimuntu” ou “kimutu” ou ainda “Kiwuntu” provém do termo kikongo “muntu” ou “mutu” que significa pessoa. O prefixo “ki” ou “kie” — os linguísticos explicam melhor — mostra a pertença de algo a um substantivo qualquer, neste caso concreto ao “muntu”. Portanto, “kimuntu” significa: algo que é apropriado (específico) à pessoa para além de cabeça, tronco, membros e andar de forma erecta, algo este que a sociedade aprova para a dignidade, o respeito desta mesma pessoa, da sua família e do estrato social a que pertence. Por isso, “kimuntu” ou “kimutu” ou ainda “kiwuntu” é o conjunto das características positivas ou melhor as qualidades de uma pessoa aceites pela sociedade, dignificando não só a própria pessoa mas também a sua família e o seu estrato social.

Mas, para que a pessoa tenha “kimuntu”, quais são as características indispensáveis que deve ter? A resposta a esta pergunta é respondida, de forma resumida, pelo quadro que segue:

N.º	COMPORTAMENTO	KIMUNTU
1	Urinar e/ou defecar em qualquer sítio	Não
2	Urinar e/ou defecar no W.C. ou latrina ou, na impossibilidade, cavar um buraco qualquer e enterrá-lo depois da satisfação das necessidades	Sim
3	Deitar o lixo em qualquer sítio da rua	Não
4	Deitar o lixo nos contentores ou interrá-lo num buraco	Sim
5	Fazer o sexo em plena rua e/ou no capim	Não
6	Fazer o sexo em lugar sadio	Sim

7	Usar roupa com órgãos genitais desenhados	Não
8	Usar roupa que esconde bem o corpo	Sim
9	Fazer filhos e não criá-los	Não
10	Fazer filhos e criá-los	Sim
11	Viver no parasitismo	Não
12	Viver, roubando	Não
13	Viver, trabalhando	Sim
14	Mudar de parceiros (as) sexuais como se muda de roupa	Não
15	Ser parceiro(a) sexual de alguém do mesmo género (homossexualismo)	Não
16	Transformação de género (Transexualidade)	Não

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO “KIMUNTU”

São alguns dos princípios fundamentais do “kimuntu” os seguintes:

- Mvovo’e mfumu;
- Kimfumu kye Nkweno;
- Nkuwu;
- Luvila;
- Makonzo;

MVOVO’E MFUMU

O princípio “mvovo’e mfumu” que significa palavra ou pronunciamento do chefe é um princípio que recomenda a pessoa respeitar aquilo que diz. Na base deste princípio, o chefe (a pessoa com personalidade) não deve dizer uma palavra agora, e, depois, mudar por outra. A pessoa deve analisar antes de se pronunciar sobre algo. Uma pessoa que muda facilmente

as posições tomadas conscientemente não é considerada pessoa com personalidade.

De acordo com a psicologia filosófica dos bakongo, como o diz o provérbio “mu nwa mfumu ka mutukanga mambu mole ko” (na boca de um chefe não saem duas palavras). Toda pessoa que muda de palavras (agora diz uma coisa e depois outra) não é considerada, é uma pessoa que perde a confiança da comunidade.

KIMFUMU KYE `NKWENO

Este princípio consiste no dever de reconhecimento da autoridade do outro como o diz o provérbio kikongo: “e kimfumu kyaku vo kye nkand’a ngo, e kye nkwenno kie nkand’a nkosi”, isto é, se a sua chefia é da pele do leopardo, a do outro é da pele do leão.

Este princípio nos ensina sobre o respeito mútuo numa comunidade, porque cada um de nós tem uma quota-parte no desenvolvimento harmonioso da sociedade. Cada um de nós — sublinha o princípio — deve ser respeitado na contribuição que dá para o progresso social, evitando imiscuir-se, em nome da chefia, em tarefas atribuídas aos outros. É muito importante sabermos onde começa e onde termina a nossa autoridade, onde começa e onde termina a autoridade do outro.

NKUWU

O “nkuwu” é um princípio que, em português, ainda não conseguimos obter um significado que corresponde devidamente. Trata-se de um princípio de um desejo de bem-vindo mas um bem-vindo com grande responsabilidade à pessoa pela qual é dirigido em nome dos vivos e dos mortos.

Se fazemos nossa a explicação dada pelo mais velho Fernando Ndombele Kitima Tadi, no seu Manual de Aprendizagem da Eloquência através de Provérbios Kikongo (p.95), “semanticamente, o nkuwu equivalia,

simbolicamente, a uma esteira ou tapete real, rico e de valor inestimável; quem nela pega e estende, deve ser limpo no corpo e no coração. Os visitantes para quem o tapete é estendido devem igualmente demonstrar o mesmo estado do espírito”.

Na resolução de problemas familiares, sejam quais forem (casamentos, óbitos, aniversários, etc.), o ponto de partida é o “nkuwu” que o(s) realizador(es) apresenta(m) ao(s) convidado(s) e/ou visitante(s), “nkuwu” este que deve ser aceite, de bom grado, pelo outro lado. A ausência de apresentação deste “nkuwu” significa que a recepção não é boa e isto é uma chamada de atenção sobre o possível final insatisfatório da questão a solucionar.

Toda pessoa que chegar tarde no evento, caso não lhe apresentem o “nkuwu”, isto significa que ela não é considerada como pessoa com personalidade. Se ela for alguém que conhece a tradição, essa pessoa não tarda de se retirar do sítio.

LUVILA

Todo o mukongo que se respeita sabe e/ou procura saber o seu “Luvila” ou “Ngenda”. O mukongo preocupa-se de saber a origem genealógica pela qual ele é descendente; portanto, o “luvila” ou “ngenda” é a identificação genealógica de cada indivíduo, na qual são indispensáveis no mínimo dois aspectos (famílias materna e paterna do indivíduo) e, no máximo, quatro aspectos (famílias materna e paterna do indivíduo, família materna do pai da mãe do indivíduo, família materna do pai do pai do indivíduo).

Em muitos eventos tradicionais, procura-se saber o “luvila” de cada interveniente, isto é, saber quem é essa pessoa, como:

- a. o seu “kanda” ou seu “kingudi” que é a sua família (a família da sua mãe);

- b. o seu “kise” que é a família materna do seu pai;
- c. o seu “kinkaki” que é a família materna do pai da sua mãe; e.
finalmente,
- d. O seu outro “kinkaki” que é a família materna do pai do seu pai.

A apresentação desse “luvila” obedece critérios de cada área. Algumas áreas só exigem dois pontos, começando com o “kise” e terminando com o “kanda”. Algumas outras áreas exigem os quatro pontos, começando com o “kanda”, seguido por “kise”, depois os dois “yinkaki”. Mas existem outras áreas que, na apresentação são necessários quatro “yinkaki” para além do “kanda” e o “kise”.

Toda a pessoa que não poder expôr esses dados e não se preocupar em aprendê-los é uma pessoa que é considerada de irresponsável ou mesmo uma pessoa de origem duvidosa.

MAKONZO

O “makonzo” são as palmas batidas num ritmo apropriado para pedir licença de falar, pôr fim a um pronunciamento e agradecer pela autorização cedida.

Em geral, esse “makonzo” é apresentado num ritmo de três vezes sendo três palmas cada vez, respeitando as três pedras que sustentam uma panela no fogo.

QUALIDADES PRINCIPAIS DO “KIMUNTU”

Para que uma pessoa seja considerada de pessoa com personalidade (“muntu ye kimuntu”) é preciso que, pelo menos, para além do respeito dos princípios que servem de alicerce de tudo, tenha muitas das seguintes qualidades: a honestidade, a coragem, a paciência, a tolerância, o amor, o respeito, a pontualidade, a procriação/criação, o pensamento, o reconhecimento e a perseverança.

HONESTIDADE (“LUDI, ZIKU”)

Uma pessoa com personalidade é honesta. Ela fala a verdade, reconhecendo, se esse fôr o caso, os seus erros e dando razão à pessoa que a merece. Ele respeita o “kyaku-kyaku, kyengani-kyengani”(O que é teu, é teu; o que é do outro, é do outro).

CORAGEM (“UNKABU, KYAKALA”)

Uma pessoa com coragem não só para o seu bem mas também para a comunidade é considerada de pessoa com personalidade; aquela que espera que os problemas sejam resolvidos pelos outros em seu benefício não é considerada pessoa com personalidade. Esta pessoa é considerada de parasita “nselele wa zol’e zebubwa” uma pessoa considerada de salalé (salalé que gosta de capim já cortado, arrumado).

PACIÊNCIA (“LUZIZILU”)

Uma pessoa paciente, desde que esta paciência seja moderada, tem personalidade; uma paciência exagerada quando caracteriza alguém, este perde a personalidade e é considerada de “tutu”, que quer dizer ratazana. Portanto, na Psicologia Filosófica dos Bakongo, ser paciente é positivo desde que não ultrapasse um determinado grau. Ultrapassando este grau, a paciência torna-se “ki tutu”, “ki zoa, “ki dinda”.

TOLERÂNCIA (“LUVIBIDILU”)

Uma pessoa com personalidade sabe tolerar as diferenças, saber viver na diversidade, para construir a harmonia na comunidade. Mas, se a tolerância for demasiada, esta pessoa perde a personalidade e torna-se “sakaneno”, isto é, brinquedo. Por isso, para os Bakongo, a tolerância deve

ter um limite aceitável pela comunidade; fora desse limite, a tolerância é transformada em patetice, “ki zengi”.

AMOR (“ZOLA”)

O amor, para definir a personalidade, é muito importante. A pessoa que ama os seus vizinhos, os seus familiares, os seus chefes, os seus subordinados, esta pessoa tem personalidade. Ao contrário disto, essa pessoa não é considerada como pessoa socialmente aceite, tornando-se “ndoki”, “nkadi’e mpemba” que significa feiticeiro, diabo.

O amor, na psicologia filosófica dos bakongo, constrói e não destrói a comunidade.

RESPEITO (“LUZITU”)

O respeito para com os mais idosos, com os chefes, com a lei da comunidade, com todos os estratos (tanto superiores como inferiores) é uma característica de uma pessoa com personalidade.

PONTUALIDADE (“SUNGIDIDI”)

Na psicologia filosófica dos bakongo, verifica-se se alguém é uma personalidade ou não, tendo em conta o seu respeito à pontualidade. Uma pessoa que chega sempre tarde, fora da hora marcada, esta pessoa é pouco considerada como pessoa responsável.

PROCRIAÇÃO / CRIAÇÃO (“GUTA / SASA”)

Uma pessoa é considerada como personalidade se procriar muito, porque procriar é dádiva de “Nzambi’e Mpungu”, Deus, Consciência Universal, Cósmico; mas, a procriação leva a pessoa perder a sua personalidade se não saber criar os filhos procriados. Na psicologia filosófica dos bakongo, procriar, sim; mas também é preciso saber criar os filhos procriados.

Um homem que faz muitos filhos demonstra a sua masculinidade (“ki yakala”, “kyakala”) e uma mulher que faz muitos filhos demonstra a sua feminidade (“ki `nketo) mas se não souberem criar esses filhos, eles deixam de ser considerados homem e mulher, transformando-se em macho (“mbakala”) e fêmea (nketo).

PENSAMENTO (“NGINDU”, “ZAYI”, “NTONA”)

A personalidade de uma pessoa é o seu pensamento, a sua forma de pensar. Uma pessoa deve ter capacidade de raciocinar, evitando o que se deve evitar, analisar antes de agir. A actuação sem reflexão antecipada leva a pessoa na irracionalidade, considerada de “munkondi’e ngindu” na psicologia filosófica dos bakongo.

RECONHECIMENTO (“TONDO”)

Para os bakongo, o reconhecimento não deve esperar o dia da morte do indivíduo, porque “e `mbati’e mbote watomena mu muntu’e moyo”— dizia várias vezes o mais velho Miguel Luzolo — isto é, o feitio das calças é bom num homem vivo e não num cadáver, o que significa dizer que o reconhecimento deve ser apreciado pelo próprio reconhecido quando ainda vivo e não pelos outros (quando o reconhecido já está morto).

A psicologia filosófica dos bakongo nos ensina — mas o que não se verifica muito — a sabermos reconhecer o trabalho dos outros em vida e não só depois da morte.

PERSEVERANÇA (“LUZINDALALU”)

A pessoa com personalidade deve saber perseverar quando pretende atingir um objectivo exeqüível, porque “kani kuzingila, kia ku kia”, isto é,

seja qual for a demora da noite, o fim é amanhecer do dia ou independentemente da sua demora, a chuva sempre tem fim.

MÉTODOS UTILIZADOS NO DESCOBRIMENTO DO “KIMUNTU”

Para descobrir o “kimuntu” (personalidade) utiliza-se os seguintes métodos: a extrospecção nas suas duas vertentes (espontânea e intencional), a conversação, o inquérito oral ou entrevista, o inventário das atitudes e comportamentos, o “ntota” ou “leta” (tipo de teste específico só para o “kimuntu” onde o pesquisador provoca indirectamente para extrair as ideias ocultas do investigado).

“KIMUNTU” ACTUAL EM ANGOLA

De acordo com a teoria do “kimuntu” da psicologia filosófica dos bakongo, perguntámo-nos em que ponto estava ontem e está hoje o “kimuntu” do angolano, tendo em conta a invasão de culturas totalmente diferentes às do nosso povo. Caso haja condições tanto objectivas como subjectivas, havemos de voltar neste ponto que contempla os nomes próprios, a culinária, o vestimento, o casamento e outros aspectos que foram e estão sendo reformados e/ou deformados pela globalização.

Luanda, 7 de Maio de 2020

Por: [Mário Felizardo Lucoqui “KAKALAVENA”](#)

Membro de ANDAK - Associação dos Naturais, Descendentes e Amigos
de Kibokolo